

AS VÍTIMAS DE HOMICÍDIOS NOS NÚCLEOS HABITACIONAIS DO CPA I, II, III E IV, EM CUIABÁ-MT, NOS ANOS 2015 A 2017

*Anderson Przybyszewski Silva **

*Elcio Bueno de Magalhães ***

*Sérgio Henrique de Souza ****

*Laudicério Aguiar Machado *****

RESUMO: Este artigo tem como objetivo identificar e caracterizar as vítimas e identificar o tempo de ocorrência dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, em Cuiabá-MT, nos anos 2015 a 2017. Os dados foram extraídos de Boletins de Ocorrências Policiais da Polícia Militar e da Polícia Civil do Estado de Mato Grosso, através do Sistema de Registros de Ocorrências Policiais - (SROP), da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Estado de Mato Grosso-SESP-MT), e validados com os Laudos de Necropsia da Diretoria de Metropolitana de Medicina Legal (DMML), da Perícia Oficial Identificação Técnica do Estado de Mato Grosso (POLITEC/MT), para em seguida serem organizados e tabulados. Do total de 571 vítimas de homicídios registrados no Município de Cuiabá, nos anos 2015 a 2017, 21 (3,6%) foram vitimadas na área de estudo. Sendo estas em sua maioria (90,4%) eram do sexo/gênero masculino; (85,7%) de cor/raça negra (66,6%); adultos jovens, com idade entre 18 a 29 anos; (80,9%) solteiros; (85,7%) com ensino fundamental incompleto a ensino médio completo; (52,2%) eram ocupados com funções diversas, como também de manutenção e reparos e construção civil; (57,1%) residentes na área do óbito. Os homicídios ocorreram especialmente nos meses de janeiro e agosto, com (19,0%) cada e julho, com (14,2%); nos finais de semana (47,6%) e no período noturno, com (80,9%).

Palavras-chave: Pessoas, Vítimas, Ocorrência, Violência, Homicídios.

DOI: <https://doi.org/10.36776/ribsp.v5i12.162>

Recebido em 13 de junho de 2022.

Aprovado em 02 de agosto de 2022

* Polícia Militar de Mato Grosso (PMMT) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7336-8656> - CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6015852820454020>

** Polícia Militar de Mato Grosso (PMMT). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6781-3933> - CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9302955025249287>

*** Polícia Militar de Mato Grosso (PMMT)

**** Polícia Militar de Mato Grosso (PMMT). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7782-3644> - CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4319248453510926>

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo, a violência na forma de homicídios registrada nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, em Cuiabá-MT, nos anos 2015 a 2017.

É entendimento entre estudiosos como Castro Júnior (1990); Coy (1994); Romancini (2009); Vilarinho Neto (2008; 2009) que o agravamento do fenômeno violência na capital Cuiabá está atrelado à migração populacional do campo para a cidade nos idos dos anos de 1970 e 1980, onde por razões diversas, incluindo a falta de planejamento capaz de comportar esse contingente, as pessoas passaram a habitar a periferia da cidade trazendo como consequências o surgimento de espaços favoráveis à proliferação da violência, problema agravado no decorrer dos anos.

Não obstante, a origem dos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV está vinculada a criação do Centro Político Administrativo-(CPA), que segundo Romancini (1996), se deu pelos problemas relacionados ao aumento populacional sofrido e pelos problemas de trânsito enfrentados no centro da cidade, dificultando o acesso das pessoas aos serviços públicos. Com isto, segundo Freire (1997) esses núcleos habitacionais foram criados para atender a população de baixa renda. Para tanto, segundo Martins (2003), o Núcleo Habitacional do CPA I foi entregue em 1979 e os do CPA II, III e IV entre 1980 e 1985.

Assim, observa-se que a violência em Cuiabá-MT é uma das consequências das políticas de governo adotadas no decorrer dos tempos, como também da movimentação de pessoas, quer seja em busca de melhores das condições de vida ou em razão das alterações ocorridas no campo que provocou a migração em massa de pessoas em geral pobres, marginalizadas socialmente, cujas alternativas foram habitar a periferia da cidade, que por consequência de tudo isso figura como local de violência em suas mais variadas formas.

Com isto, sendo a violência homicídios um problema em destaque na cidade, cujas causas resultantes envolvem eventos tanto de origem, política, social como econômica que atingiram a zona rural e urbana, vê-se a importância de estudar esse fenômeno social de forma pormenorizada através das vítimas, como também do tempo de ocorrência, de modo a identificar as verdadeiras causas, suas consequências e a partir então propor a adoção de medidas e ações capazes de controlar a continuidade dessa violência no meio social.

Com isto, o estudo em questão se justifica pela abordagem de um assunto que atinge a todos em seu bem maior que é a vida, deixando filho(a)s órfãs, famílias desamparadas além do ônus financeiro que gera ao ente público e, dos efeitos colaterais que atingem as pessoas produzindo o medo, mudanças de hábitos e costumes, como também mudanças nas paisagens urbanas materializadas com a imposição grades nas portas e janelas das residências e através dos muros altos e sistemas de vigilância, como bem assevera o estudioso Odália (1983).

E por entender que a violência homicídios é um problema social, grave que como diz (ODÁLIA, 1983), tem acompanhado o homem por toda sua existência, sendo um evento democrático que atinge a todos sem distinção, propõe-se responder ao seguinte questionamento: A violência homicídios registrada nos Núcleos Habitacionais do CPA, em Cuiabá-MT é de fato um evento característico que atinge pessoas pobres e marginalizadas socialmente e moradores da periferia urbana, ou é resultado da banalização da violência e da dificuldade das pessoas em lidar com conflitos?

Posto isso tem-se como objetivo geral identificar e caracterizar o perfil das vítimas e identificar o tempo de ocorrência dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, em Cuiabá-MT, nos anos 2015 a 2017. E como objetivos específicos, caracterizar quem são as potenciais vítimas da forma de violência, como também o tempo, no caso dia da semana, mês do ano e faixa horário que mais concentrou a violência estudada; e, identificar

o nível de renda dos locais de residências das vítimas.

Este estudo se divide em quatro partes: No primeiro, abordamos o tema, no segundo o método científico utilizado e os procedimentos metodológicos adotado, no terceiro a fundamentação teórica do assunto, em um quarto momento a análise e discussão dos resultados e por fim, as considerações finais.

2 MATERIAIS E MÉTODO

Para esta pesquisa, empregou-se o método científico hipotético dedutivo, que segundo Koche (2011), em seu processo de investigação apresenta o conhecer como resultado de um questionamento elaborado pelo sujeito que põe em dúvida o conhecimento já produzido, por percebê-lo como teoricamente inconsistente, ou mesmo incomparável com outras teorias, inadequados para explicar os fatos. Também considera que a pesquisa é um processo decorrente da identificação de dúvidas e da necessidade de elaborar e construir respostas para esclarecê-las.

Aprofundando em sua argumentação, o autor ainda destaca que neste tipo de método, a investigação desenvolve, portanto, porque há a necessidade de construir e testar uma possível resposta ou solução para um problema decorrente de algum fato ou de algum conjunto de conhecimentos teóricos. E acrescenta que para estes casos, as soluções elaboradas, enquanto conhecimento, não é espelho fiel que reproduz a realidade, mas teorias criadas que se apresentam como modelos hipotéticos ideais, que utilizam conceitos e símbolos matemáticos especificamente elaborados e desenvolvidos para representá-los e que devem ser rigorosamente testadas e criticadas à luz do conhecimento disponível.

Para o desenvolvimento desse artigo e após levantamentos bibliográficos, realizou-se pesquisa de dados dos Boletins de ocorrências policiais registrados, tanto pela

Polícia Militar do Estado de Mato Grosso (PMMT), como pela Polícia Civil do Estado de Mato Grosso (PC-MT), dos anos 2015 a 2017, extraídos da Base de Dados Oracle do Estado através do Sistema de Registros de Ocorrências Policiais (SROP), da Secretaria de Estado de Segurança Pública (SESP-MT), validados em um segundo momento por meio de comparações com as Planilhas Mensais de Homicídios da Delegacia Especializada em Homicídios e Proteção à Pessoa (DEHPP), da Polícia Civil de nosso Estado, acrescentando, com base nesses dados, a variável motivação do crime.

Feito isto, em um terceiro momento, fez-se levantamentos de campo, onde com base nas informações contidas nos Boletins de Ocorrências da PMMT, da PC-MT, das Planilhas Mensais da DEHPP e dos Boletins de atendimentos de emergência do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), para os casos, cujos BOs apresentavam pendências nas variáveis endereços, local (bairro/área), município da ocorrência e outras variáveis pertinentes que no caso não é objeto dessa pesquisa, somado a entrevistas realizadas “in loco” com populares, procedeu-se os acréscimos e correções dos dados dessas variáveis e posteriormente organizou esses dados em planilhas de Excel.

Com os dados já estruturados em tabelas de Excel, e em razão da insuficiência de dados, resultado do deficiente preenchimento dos boletins de ocorrência policiais, validou-se esses dados com os Laudos de Necropsia da Diretoria Metropolitana de Medicina Legal (DMML), da Perícia Oficial de Identificação Técnica do Estado de Mato Grosso (POLITEC-MT), procedimento que via de regra, produziram-se resultados distintos daqueles existentes nos BOs e nas Planilhas Mensais de Homicídios da DEHPP e divulgados pelos meios oficiais, especialmente no que refere ao universo de registros da forma de violência. Contudo essa pesquisa não tem como objetivo questionar procedimentos e métodos adotados pelos órgãos oficiais, mas analisar a forma de violência pelo viés da ciência,

contribuindo para adoção de medidas capazes controlarem ou minimizar a ocorrência dessa violência.

De posse dessas informações, utilizando da ferramenta de tabela dinâmica do Excel, estabeleceu-se filtros, selecionando o universo de registros de homicídios na área de estudo. Dessa forma e segundo os objetivos propostos neste estudo, definiu-se as variáveis relacionada ao perfil das vítimas (sexo/gênero, cor/raça, faixa etária, estado civil, ocupação profissional e local de residência) e o tempo da ocorrência (mês do ano, dia da semana e faixa horário). Para a variável cor/raça, utilizou-se da classificação adotada pelo IBGE, quando da aplicação do recenseamento, onde faz a agregação de pretos e pardos para um grupo populacional de negros que por sinal é majoritário na maioria das unidades da federação, como bem explica Osório (2003).

Por fim, as informações foram tabuladas e organizadas em forma de tabelas e a partir de então, procedeu-se análise e discussão dos dados.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Violência, Origens e Conceitos

Estudiosos definiram violência como o não reconhecimento do outro, a anulação ou cisão do outro, Paixão (1991); Adorno (1993; 1995); Zaluar (1994); Oliveira (1995); Tavares dos Santos et al. (1998); a violência como negação da dignidade humana Kowarick; Ant, (1981); Brant (1989); Caldeira (1991); a violência como ausência de compaixão Zaluar, (1994). Para Zaluar; Leal (2001), estas definições ressaltam-se, explicitamente ou não, o pouco espaço existente para o aparecimento do sujeito da argumentação, da negociação ou da demanda, isto para o autor, em razão da exibição da força física por parte do oponente (...).

Contudo, a violência vivenciada por nós, tomou rumos distintos da violência de autora. A este respeito o estudioso Odália (1983) comenta que a violência que caracteriza o homem

histórico e o homem que vive em sociedades complexas e diferenciada é diferente, destacando que a violência contemporânea ganha contornos diferenciados, pois o uso da violência deixou de ser simplesmente uma defesa para a sobrevivência, recobrando de formas sutis, deixando de ser uma agressividade necessária frente ao universo hostil, enriquecendo de alguma forma, perdendo sua forma natural de defesa para ser uma decorrência da maneira pela qual o homem passa a organizar sua vida.

Assim, mesmo a violência estando presente na história da humanidade, e tendo ditado a forma de vida se assim podemos dizer, é um dos eternos problemas da trajetória social e da prática política e relacional da humanidade. Neste sentido, Engels (1981) assevera que não há sociedade em que a violência não tenha estado presente. Pelo contrário, de acordo com o autor, a dialética do desenvolvimento social traz à tona os problemas mais vitais e angustiantes do ser humano. E a este respeito esse filósofo afirma: “a história é, talvez, a mais cruel das deusas que arrasta sua carruagem triunfal sobre montões de cadáveres, tanto durante as guerras, como em período de desenvolvimento pacífico”.

Ainda na trilha da origem da violência, Minayo (1994) comenta que desde os tempos imemoriais a preocupação do homem é entender a essência do fenômeno violência, sua natureza, suas origens e meios apropriados, tudo com o propósito de atenuá-la, preveni-la e eliminá-la da convivência social. Em razão dessa busca, hoje é praticamente unânime, por exemplo, a ideia de que a violência não faz parte da natureza humana e que a mesma não tem raízes biológicas, mas que se trata de um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial, e, que seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade. E, para entendê-la há de se apelar para a especificidade histórica, o que nos leva a concluir que na configuração da violência, se cruzam problemas da política, da economia, da moral, do direito, da psicologia, das relações humanas e institucionais e do plano individual.

No entanto, em se tratando da violência e pensando de forma contrária ao autor acima, (DESINOV, 1986, p. 36) afirma: *‘existem multidões de fatores os mais diversos que simultaneamente incidem sobre a conduta humana e todos os motivos do comportamento e da ação violenta passam pela mente’.*

Ainda sobre as causas da violência, Cerqueira (2014) acrescenta que a violência homicídios pode ser causada por diversos fatores presentes em diferentes instâncias, abrangendo o plano individual da pessoa, que inclui questões de naturezas psíquicas, ou biológicas, podendo estar associado ao histórico de vida familiar, tudo isso, segundo o autor pode levar o indivíduo ao cometimento de homicídios. Nesta esteira de causas, o autor acrescenta que associações e relações pessoais também podem explicar a ocorrências de incidentes fatais. Comenta ainda que do mesmo modo, os conflitos interpessoais e o uso da violência letal podem ser influenciados pela presença de fatores criminógenos, como armas e drogas psicoativas.

Ainda nesse entendimento, Cerqueira (2014) comenta que condicionado as ações dos indivíduos, há elementos de ordem social, econômica e demográfica, como a renda, a desigualdade socioeconômica, o adensamento populacional e a estrutura etária e também a influência da ação coercitiva do Estado tanto nas ações preventivas como repressivas contra o crime, por meio do sistema de justiça criminal, acrescenta.

3.2 O Despertar para a Violência: Homicídios

Em se tratando do despertar para a violência homicídio, Odália (1983) comenta que é tão antiga quanto à espécie humana, contudo, o despertar da sociedade organizada para o evento é recente, especialmente no Brasil.

Posto isto, segundo Adorno (2002) a preocupação com o fenômeno violência, no caso, a violência na forma homicídios mesmo

sendo um evento de tamanha gravidade, tanto para a pessoa como para a sociedade, a preocupação com suas consequências é recente tanto no mundo como no Brasil, isto comparado com o início de sua prática. No Brasil, a preocupação com o problema remonta a cerca de três décadas, quando se iniciou o debate e a reflexão sobre essa forma de violência, por parte da esquerda e pelos defensores dos direitos humanos. Mas sua visibilidade só ganhou foro público durante a transição da ditadura para a democracia.

E, neste contexto, Ramos; Paiva (2009) comentam que por muito tempo, a sociedade, as universidades brasileiras assistiram as mortes praticamente em silêncio e somente a partir dos anos 90 que diferentes setores da sociedade despertaram para a gravidade do quadro e se articularam denunciando o problema e também desenvolvendo pesquisas e realizando experiências inovadoras de gestão de políticas públicas.

Sobre a escalada dos registros de violência no Brasil, de acordo com Beato Filho (2012), a urbanização é o fenômeno que melhor pode ser associado aos homicídios, podendo-se dizer que os crimes violentos são fenômenos urbanos associados aos processos de desorganização dos grandes centros urbanos, nos quais os mecanismos de controle se deterioraram.

Neste tocante, desde antes e em se tratando do avanço da violência em Cuiabá-MT, Romancini (2005), comenta que a violência é fruto das transformações urbanas que a cidade experimentou nos anos 70, cujas transformações vivenciadas trouxeram como consequência o surgimento dos bairros periféricos, o aumento da especulação imobiliária, a falta de saneamento básico, a degradação ambiental, problemas com o trânsito, desemprego e a violência.

Corroborando com as afirmações da autora, Vilarinho Neto (2008) é categórico ao afirmar que o surgimento da violência em Cuiabá é resultado da explosão demográfica que essa cidade e o Estado experimentaram em razão das políticas governamentais adotadas pelo Governo Federal, como as

políticas de ocupação dos “*vazios demográficos*”, adotadas no final de 1940.

Como resultado, dessas políticas, nos anos de 1970, a cidade de Cuiabá foi integrada aos demais centros de desenvolvimento, sofrendo os impactos do “novo modelo de desenvolvimento”, sendo incorporada aos grandes projetos, cujos eventos causaram dentre outros acontecimentos, aumento populacional de 359%, acrescenta Castro Júnior (1990). Tudo isso, segundo Coy (1994); Vilarinho Neto (2008; 2009), contribuiu significativamente para o crescimento desordenado da cidade. Isto aliado à incapacidade dessa cidade absorver a mão de obra, advinda do fluxo migratório resultante das transformações pela quais o campo passou. Assim, a cidade com uma população exposta a miséria absoluta, aliada a falta de planejamento urbano com capacidade para atender esse contingente populacional marginalizado, experimentou o surgimento de espaço social favorável à proliferação de violência, dentre outras formas, os homicídios.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Do total de 571 vítimas de homicídios registrados no Município de Cuiabá durante os anos de 2015 a 2017, (3,6%) tiveram suas vidas ceifadas nos bairros denominados Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, sendo, portanto, o segundo bairro com maior número de óbito por homicídios no período.

A Tabela 01 apresenta a distribuição dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, nos anos 2015 a 2017, permitindo fazer uma análise comparativa dos homicídios registrados no período.

Tabela 01

Distribuição dos Homicídios registrados por Ano de Ocorrência, em Cuiabá e nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV.

Anos do Óbito	N. de Homicídios		(%)
	Cuiabá	CPA	
2015	232	13	5,60
2016	197	6	3,04
2017	142	2	1,40
Total	571	21	3,67

Fonte: Laudos de Necropsia da Diretoria de Medicina Legal-DMML/POLITEC-MT, anos 2015 a 2017.

Esta tabela apresenta o universo de registros de homicídios registrados na Capital de Cuiabá-MT, nos anos de 2015 a 2017, com destaque para o recorte tempo-espacial dessa pesquisa, cujo montante de vítimas perfaz 21 (3,6%) das vítimas registradas na capital e neste período.

A Tabela 02 apresenta os homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, segundo o sexo/gênero das vítimas.

Tabela 02

Distribuição dos homicídios, por sexo/gênero das vítimas.

Sexo/Gênero das Vítimas	Anos da Ocorrência			Total
	2015	2016	2017	
Masculino	13	6	0	19
Feminino	0	0	2	2
Total	13	6	2	21

Fonte: Laudos de Necropsia da Diretoria de Medicina Legal-DMML/POLITEC-MT, anos 2015 a 2017.

Analisando a Tabela 05, constata-se que de todas as vítimas de homicídios da série analisada, 19 (90,4%) eram do sexo/gênero masculino, sendo que destas, 13 (61,9%) foram vitimadas em 2013 e 06 (28,5%) em 2016. Das vítimas do sexo/gênero feminino, apenas 02 (9,5%) foram vitimadas no período e espaço em estudo.

Com relação à violência homicídios, por sexo/gênero, Secretti; Jacobi; Zanini (2009), sustentados em pesquisa sobre homicídios realizada na cidade de Santa Maria-RS, no período de 1995 a 2006,

concluíram que a grande maioria (93,31%) eram do gênero masculino.

Em se tratando da violência homicídio, ou melhor, do feminicídio, para Cerqueira et al. (2017), em 2015, 4.621 mulheres foram assassinadas no Brasil, o que corresponde a uma taxa de 4,5 mortes para cada 100 mil mulheres. Contudo, para esses autores, apesar do acréscimo na taxa de homicídios contra mulheres de (7,3%) entre 2005 e 2015, análises dos dados de 2010 a 2015, mostram uma redução de (1,5%) e uma redução de (5,1%) em 2015, último ano da série analisada. Mas em contrapartida, Mato Grosso encabeça a lista dos Estados com maiores números de homicídios de mulheres.

Porém, face ao maior número de mortes entre os homens comparado aos das mulheres, Pasinato (2015), considera percebe que assim, a realidade torna-se inviável para se estabelecer um debate sobre a questão, apesar da resistência de se reconhecer essa situação como um problema de política pública.

A Tabela 03 apresenta a distribuição dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, a cor/raça das vítimas.

Tabela 03

Distribuição dos homicídios, segundo a Cor/Raça das Vítimas.

Cor/Raça das Vítimas	Anos da Ocorrência do			Total
	2015	2016	2017	
Negra (preta e	11	5	2	18
Branca	2	1	0	3
Total	13	6	2	21

Fonte: Laudos de Necropsia da Diretoria de Medicina Legal-DMML/POLITEC-MT, anos 2015 a 2017.

Analisando a Tabela 03, constata-se que do total de vítimas, e considerando a agregação por grupo populacional, a série temporal concentrou 18 (85,7%) das vítimas de cor /raça, negra, sendo que desse montante, 11 (52,3%) foram vitimadas no ano 2015; 06 (28,5%), em 2016 e 02 (9,5%) em 2017. Das demais vítimas, as de cor/raça branca, apenas 03 (14,2%) foram vitimadas na área de estudo, sendo 02 (9,5%) em 2015 e 01 (4,7%) em 2016.

No que refere à cor/raça das vítimas da violência homicídios, segundo Cerqueira et al. (2017), de cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras. Jovens e negros do sexo masculino. E sobre esses dados destacam: “*sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra*”.

Corroborando com a realidade apresentada, Cerqueira; Coelho (2017), sustentados em análises econométricas com base nos microdados do Censo Demográfico do IBGE e do SIM/MS, mostram que a tragédia que aflige a população negra não se restringe às causas socioeconômicas, para estes o cidadão negro possui (23,5%) mais chances de sofrer assassinato em relação a cidadãos de outras raças/cores, já descontado o efeito da idade, sexo, escolaridade, estado civil e bairro de residência.

Em estudos anteriores, estes estudiosos, Cerqueira; Coelho (2015) verificaram-se que um indivíduo afrodescendente tem maiores chances de sofrer um assassinato, quando comparado com outros indivíduos. A este respeito esses autores acrescentam que a diferenças apontadas são maiores quando na juventude, ou seja, entre os 15 e 29 anos. Destacam que no Brasil, aos 21 anos de idade, a pessoa tem maior chance de ser vítima de homicídio. No caso das vítimas pretas e pardas, essas chances são (147%) a mais se comparada com as pessoas brancas, amarelas e indígenas.

A Tabela 04 apresenta a distribuição dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, segundo a Faixa Etária das Vítimas.

Tabela 04

Distribuição dos Homicídios por Faixa Etária das vítimas

Faixa Etária das Vítimas	Anos da Ocorrência			Total
	2015	2016	2017	
De 18 a 24 anos	3	2	1	6
De 25 a 29 anos	5	3	0	8
De 30 a 35 anos	2	1	0	3
De 36 a 45 anos	2	0	1	3
De 46 a 59 anos	1	0	0	1
Total	13	6	2	21

Fonte: Laudos de Necropsia da Diretoria de Medicina Legal-DMML/POLITEC-MT, anos 2015 a 2017.

Analisando a Tabela 04, que trata das faixas etárias das vítimas de homicídios, constata-se primeiramente que todas as vítimas foram mortas em idade economicamente ativa. Sendo que dessas, 08 (38,0%), tinham idade entre 25 a 29 anos de idade; 06 (28,5%), com idade entre 18 a 24 anos; 03 (14,2%) para as faixas etárias 30 a 35 anos e 36 a 45 anos respectivamente e 01 (4,7%) com idade entre 46 a 59 anos. Agrupando as primeiras faixas etárias que concentram as vítimas adultos jovens, com idade entre 18 a 29 anos, temos 14 (66,6%) das vítimas de homicídios. As demais vítimas, 07 (33,3%), possuíam idades entre as faixas etárias 30 a 35 anos, 36 a 45 anos e 46 a 59 anos.

Em pesquisa realizada na cidade de Santa Maria-RS, no período de 1995 a 2006, Secretti; Jacobi; Zanini (2009) constaram realidade semelhante, onde a maioria das vítimas de homicídios, ou seja, (46,65%) eram do sexo/gênero masculino, adolescentes e adultos jovens, com idade entre 15 a 29 anos. Do mesmo modo, Gawryszewski et al. (2005); Souza; Assis; Silva (1997) encontraram resultados semelhantes em suas pesquisas sobre violência homicídios.

Ainda sobre a violência homicídios e em se tratando da idade das vítimas, segundo Engel et al. (2015), acrescenta que a variável idade é um dos poucos fatores que não sofrem variações, quando relacionado com as condições sociais e culturais em todos os grupos sociais no decorrer dos tempos. E destaca, são os jovens em sua maioria, os aliciados pelo tráfico de drogas.

Também, sustentados em pesquisa realizada na cidade de Santa Maria-RS, no período de 1995 a 2006, Secretti; Jacobi; Zanini (2009), concluíram que (62,57%) das vítimas possuíam idade entre 15 a 29 anos.

Neste contexto, Cerqueira; Moura (2013) no que diz respeito à morte prematura de jovens no Brasil acrescenta que esse evento custa 79 bilhões de dólares, o que corresponde a 1,5% do PIB anual do país.

A Tabela 05 apresenta a distribuição dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, Estado Civil das Vítimas.

Tabela 05

Distribuição dos Homicídios por Estado Civil das vítimas

Estado Civil das Vítimas	Anos da Ocorrência			Total
	2015	2016	2017	
Solteiro	10	6	1	17
União Estável	1	0	1	2
Casado	2	0	0	2
Total	13	6	2	21

Fonte: Laudos de Necropsia da Diretoria de Medicina Legal-DMML/POLITEC-MT, anos 2015 a 2017.

Analisando a Tabela 05, constata-se que do total de vítimas, 17 (80,9%) eram solteiras, sendo que estas 10 (47,6%) foram vitimadas em 2015; 06 (28,5%) e 01 (4,7%) em 2017 respectivamente. Das demais 02 tinham com estado civil, união estável e 02 casados, com (9,5%) cada.

Em análise dos homicídios registrados na capital São Paulo, no período de 1980 a 1999, Maia (1999), concluiu que do montante, (68%) das vítimas eram solteiras e que para as vítimas casadas esta proporção foi em torno e (18%) e entre os demais estados civis, aproximadamente (6%).

Ainda tratando da ocorrência da violência homicídios em relação ao estado civil das vítimas, Soares (2000), sustentado em dados relativos ao Distrito Federal, usando dados da Secretaria de Saúde e do PNAD de 1993, constataram que as pessoas solteiras figuram no grupo com maior risco de serem vítimas de homicídios, cuja taxa foi de 40,78 por cem mil habitantes, seguido pelos casados, com taxa de 21,12. Outros grupos de pessoas por estado civil apresentaram taxa de 13,34. Para o autor estes resultados condizem com os encontrados em outros países. Mas alerta o autor que os referidos dados podem apenas traduzir as diferenças de idade, uma vez que a porcentagem de solteiros diminui com a idade.

Tabela 06 apresenta a distribuição dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, segundo o Tempo de Escolaridade das Vítimas.

Tabela 06

Distribuição dos Homicídios por Tempo de Escolaridade das vítimas

Escolaridade das Vítimas	Anos da			Total
	2015	2016	2017	
Ensino	8	3	0	11
Ensino Médio/Ens.	4	2	1	7
Ensino Superior/Ens.	1	1	1	3
Total	13	6	2	21

Fonte: Laudos de Necropsia da Diretoria de Medicina Legal-DMML/POLITEC-MT, anos 2015 a 2017.

Analisando a Tabela 06, constata-se que do total de vítimas, 11 (52,3%), possuíam na ocasião do óbito, possuíam ensino fundamental completo ou incompleto. Destas, 08 (38,0%), foram vitimadas em 2015 e 03 (14,2%) em 2016. Outras 07 (33,3%) das vítimas possuíam ensino médio completo ou incompleto. E 03 (14,2%) das vítimas possuíam ensino superior completo ou incompleto. No geral, cabe observar que 18 (85,7%) das vítimas possuíam quando do óbito apenas ensino fundamental incompleto ou completo e ensino médio incompleto ou incompleto.

No que diz respeito à vitimização por homicídios e grau de escolaridade das vítimas, Cerqueira; Coelho (2015), através de exercícios econométricos com base nos microdados do Censo Demográfico do IBGE de 2010 e do SIM/MS, afirmam que a educação é um escudo contra os homicídios. Para esses estudiosos, mesmo controlando pela Unidade Federativa de residência, estado civil e idade, os indivíduos com até sete anos de estudo tem 15,9 vezes maiores chances de ser vítima de homicídios, do que aqueles que ingressaram no curso superior.

A Tabela 07 apresenta a distribuição dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, segundo a Ocupação Profissional das Vítimas.

Tabela 07

Distribuição dos Homicídios por Ocupação Profissional das vítimas.

Ocupação Profissional das Vítimas	Anos da Ocorrência do Óbito			Total
	2015	2016	2017	
Outras Ocupações	3	1	1	5
Trabalhadores da Construção Civil	2	1	0	3
Trabalhadores da Manutenção e Reparação	2	1	0	3
Forças Armadas, policiais e bombeiros militares	1	1	0	2
Gerentes de Operações Comerciais e de Assist. Técnica	1	1	0	2
Porteiro e Vigias	0	1	0	1
Trabalhadores dos Serviços Domésticos em Geral	0	0	1	1
Outros Trabalhadores dos Serviços	1	0	0	1
Técnicos em Eletrônica	1	0	0	1
Corretor de Imóveis	1	0	0	1
Não Informado	1	0	0	1
Total	13	6	2	21

Fonte: Laudos de Necropsia da Diretoria de Medicina Legal-DMML/POLITEC-MT, anos 2015 a 2017.

Analisando a Tabela 07, ora estruturada segundo a CBO (2010), constata-se que a maioria das vítimas, na ocasião do óbito, 05 (23,8%) na ocasião do óbito estavam profissionalmente ocupados com funções diversas como estudantes, autônomos, aposentados entre outras; (14,2%) eram respectivamente trabalhadores da construção civil (pedreiro, servente de pedreiro e outros) e trabalhadores da manutenção e reparação (serralheiro, marceneiro, montador de persianas e outros); (9,5%) eram das Forças Armadas, policiais e bombeiros militares (no caso, policial militar e bombeiro militar) e 02 (9,5%) ocupadas com funções relacionadas a gerentes de operações comerciais e de assistência técnica (comerciante e microempresário). Das vítimas ocupadas com funções diversas, (14,2%) foram mortas no ano 2015. O mesmo ocorrendo com as vítimas trabalhadoras da construção civil e trabalhadores da manutenção e reparação, com (9,5%) cada. Outras vítimas estavam ocupadas com funções de porteiro e vigias; trabalhadores

dos serviços domésticos em geral; outros trabalhadores dos serviços; técnicos em eletrônica e corretor de imóveis. E, (4,7%) das vítimas não teve a ocupação identificada ou informada, quando do registro do óbito.

Em se tratando do perfil ocupacional das vítimas de homicídios, apesar das diferenças quanto a nomenclatura das ocupações, Andrade et al. (2003) com base em pesquisa realizada na cidade de Belo Horizonte-MG, em 1999, verificaram que dentre as vítimas de homicídios, (25,88%) estavam ocupadas com funções da construção civil (8,24%), com ocupações do comércio varejista e outros (7,00%) que correspondiam ao percentual de vítimas com registro no mercado de trabalho, estavam ocupadas com funções relacionadas a serviços auxiliares, ocupações de bares e restaurantes, condutores de veículos e ocupações de reparação e manutenção em geral.

A Tabela 08 apresenta a distribuição dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, segundo o Local de Residência das Vítimas.

Tabela 08
Distribuição dos Homicídios por Local de Residência das vítimas.

Local de Residência das Vítimas	Anos da			Total
	2015	2016	2017	
Núcleo Habitacional do	3	2	0	5
Núcleo Habitacional do	1	0	2	3
Núcleo Habitacional do	1	1	0	2
Núcleo Habitacional do	1	1	0	2
Santa Cruz (Cuiabá-MT)	1	0	0	1
Parque Floresta III	1	0	0	1
Jardim Brasil (Cuiabá-	1	0	0	1
Ponte Nova (Várzea	1	0	0	1
Santa Terezinha II	0	1	0	1
Souza Lima (Várzea	1	0	0	1
Tijucal (Cuiabá-MT)	0	1	0	1
Dom Bosco (Cuiabá-MT)	1	0	0	1
Ouro Fino (Cuiabá-MT)	1	0	0	1
Total	13	6	2	21

Fonte: Laudos de Necropsia da Diretoria de Medicina Legal-DMML/POLITEC-MT, anos 2015 a 2017.

Analisando a Tabela 08, observa-se que do total de vítimas de homicídios, 12 (57,1%) residiam na área de estudo, melhor área do óbito. As demais, ou seja, 09 (42,8%) residiam em áreas diversas ao local do óbito. Da violência registrada na área de estudo, constata-se uma ligeira concentração dos óbitos nos Núcleos Habitacionais do CPA IV e CPA I, com 05 (23,8%) e 03 (14,2%) respectivamente. Os Núcleos Habitacionais do CPA II e III concentraram 02 (9,5%) vítimas da violência cada.

Fazendo o cruzamento do local da ocorrência com o local de residência da vítima, constata-se que do total, apenas 03 (14,2%) das vítimas residiam em outro município/Estado. As demais, 18 (85,7%) residiam em bairros ou áreas da própria capital Cuiabá-MT. E desse montante, segundo Cuiabá-MT (2007), 14 (66,6%) moravam em áreas, cuja renda é classificada como médio-baixa, 03 (14,2%) dessas áreas sequer são reconhecidas como bairros e 01 (4,7%) é classificada como de renda médio-alta.

Quanto aos óbitos por homicídios no local de residência, cabe destacar a escassez de pesquisas que aborde tal viés, porém, temos Soares (2000) que sustentado em uma pesquisa em nível de Brasil, cujo período abrangue os anos de 1979 a 1992, mostrou que devido as grandes diferenças entre mortes de mulheres e de homens, e, contrariando conclusões anteriores aponta que todos os lugares, incluindo a residência são mais perigosos para os homens do que para as mulheres.

4.1 Do Tempo da Ocorrência dos Homicídios

A Tabela 09 apresenta a distribuição dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, segundo o Mês do Ano.

Tabela 09
Distribuição dos Homicídios por Mês do Ano.

Mês do Ano	Anos da Ocorrência do Óbito			Total
	2015	2016	2017	
Janeiro	3	1	0	4
Fevereiro	0	1	0	1
Março	1	0	0	1
Abril	1	0	0	1
Mai	1	0	0	1
Junho	1	0	0	1
Julho	2	1	0	3
Agosto	0	2	2	4
Setembro	1	0	0	1
Outubro	0	1	0	1
Novembro	2	0	0	2
Dezembro	1	0	0	1
Total	13	6	2	21

Fonte: Laudos de Necropsia da Diretoria de Medicina Legal-DMML/POLITEC-MT, anos 2015 a 2017.

Analisando a Tabela 09, constata-se que dos meses do ano, o mês de janeiro e agosto apresentaram o maior número de vítimas de homicídios, sendo 04 (19,0%) vítimas cada, seguido dos meses de julho e novembro, com 03 (14,2%) e 02 (9,5%) vítimas respectivamente. Os demais meses somaram apenas um registro cada para o período analisado.

Sobre essa variável, Oliveira; Magalhães (2016), em pesquisa de homicídios realizada no município de Várzea Grande-MT, nos anos 2012 a 2014, constataram uma média de 19,0 vítimas/mês, seguido dos meses de setembro e abril, com médias de 17,3 e 15,0 vítimas/mês respectivamente, **isto com base nos registros mensais da série história analisada[grifo nosso].**

A Tabela 10 apresenta a distribuição dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, segundo o Dia da Semana.

Tabela 10
Distribuição dos Homicídios por Dia da Semana.

Dia da Semana	Anos da Ocorrência do			Total
	2015	2016	2017	
Domingo	2	1	0	3
Segunda-Feira	0	1	0	1
Terça-Feira	2	2	2	6
Quarta-Feira	1	0	0	1
Quinta-Feira	2	1	0	3
Sexta-Feira	2	1	0	3
Sábado	4	0	0	4
Total	13	6	2	21

Fonte: Laudos de Necropsia da Diretoria de Medicina Legal-DMML/POLITEC-MT, anos 2015 a 2017.

Analisando a Tabela 10 constata-se que do universo analisado, 06 (28,5%) das vítimas foram a óbito nos dias de terças-feiras, sendo 02 (9,5%), em cada ano do período em estudo. Outras 04 (19,0%) foram vitimadas nos dias de sábados, especialmente do ano de 2015. Também, outras 03 (14,2%) foram vitimadas nos dias de domingos, sextas-feiras e quintas-feiras respectivamente. Contudo, observa-se que a forma de violência concentrou-se nos finais de semana, especialmente no período de sexta-feira a domingo, somando 10 (47,6%) das vítimas.

A respeito da ocorrência de homicídios por dia da semana, sustentado em pesquisa realizada na capital São Paulo, nos anos de 1980 a 1999, Maia (1999) mostra que a ocorrência dessa violência concentrou-se nos dias de sábados e domingos. Do mesmo modo, com base em pesquisa sobre o assunto, Kahn (2004) afirma que a ocorrência de homicídios se concentra nos finais de semana, tanto no sábado como no domingo.

A Tabela 11 apresenta a distribuição dos homicídios registrados nos Núcleos Habitacionais do CPA I, II, III e IV, segundo a Faixa Horária da Ocorrência.

Tabela 11
Distribuição dos Homicídios por Faixa Horário da Ocorrência.

Faixa Horário da Ocorrência	Anos da Ocorrência			Total
	2015	2016	2017	
Das 00h00min às 06h00min	5	3	2	10
Das 06h01min às 12h00min	0	1	0	1
Das 12h01min às 18h00min	1	2	0	3
Das 18h01min às 23h59min	7	0	0	7
Total	13	6	2	21

Fonte: Laudos de Necropsia da Diretoria de Medicina Legal-DMML/POLITEC-MT, anos 2015 a 2017.

Analisando a Tabela 11, constata-se que das vítimas da violência homicídios, 17 (80,9%) foram a óbito durante o período noturno, sendo que 10 (47,6%) na madrugada (00h00min às 06h00min). Outras 07 (33,3%) durante a noite, ou seja, no período das (18h01min às 23h59min). No período diurno houve 03 (14,2%) no período vespertino (12h01min às 18h00min) e 01 (4,7%), no período matutino (06h01min às 12h00min).

Contrariando a realidade encontrada nesta pesquisa, Cardoso (2016), sustentado em pesquisa realizada em jornais impressos do mês de março de 2013, de 10 cidades das regiões brasileiras com mais de 100 mil habitantes, cujo foco foram as vítimas com idade entre 15 a 29 anos. Destas constatou que a maioria foram assassinadas no período da noite (18h00min e 00h00min), seguido da madrugada (00h01min as 06h00min).

Do mesmo modo, em pesquisa realizada na cidade de Santa Maria-RS, no período de 1995 a 2006, Secretti, Jacobi, Zanini (2009), identificou que o maior percentual de homicídios ocorreu no período das 18h até 00h (40,74%), seguido da madrugada, com (27,04%).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os homicídios de uma área específica da cidade, no caso o Núcleo Habitacional do CPA, que em razão de sua construção, da forma como foi planejada, teve sua conclusão nos idos da década de 1980, quando

foram entregues todos os núcleos ora idealizados na década anterior. Nominados como Núcleo Habitacional do CPA I, II, III e IV, é também conhecido popularmente como Morada da Serra, ou simplesmente CPA, e que compoem a subprefeitura da Regional Norte da capital, figura especialmente em razão da estrutura comercial, educacional, de entretenimento e lazer, eclesiástica e também financeira, como polo de atração para os residentes das áreas do entorno, como também para outras áreas da cidade, cujo contingente populacional dessa área e entorno supera os 100 mil habitantes.

E inserido neste quadro é que a área de estudo se destaca como a segunda maior em número absoluto de registro de homicídios da capital, que apesar de suas particularidades representa um recorte do que é e do representa a capital Cuiabá-MT no que refere à ocorrência da forma de violência no meio social. E neste contexto, é importante destacar que eventos políticos, econômicos, sociais e históricos tem considerável parcela de contribuição para o agravamento dessa violência, como a migração em massa, a ocupação da periferia dessa cidade por esses que pra cá vieram, como também os eventos resultantes daqueles fatos como o desemprego, a informalidade, a falta de política pública capaz de atender as necessidades das massas e consequentemente a violência.

Assim, com o propósito de entender essa violência que ainda atingem de modo contundente as pessoas em nosso meio, cujos danos propagam além das vítimas, atingindo familiares, a sociedade e o Poder Público é que se propôs estudar o assunto pelo viés da vítima, buscando identificar e caracterizar as vítimas através de seu perfil social e a própria violência através das variáveis relacionadas ao tempo da ocorrência.

Posto isso, e mesmo diante das dificuldades enfrentadas no que refere ao acesso aos dados, como também a sua apuração como bem demonstram os procedimentos metodológicos, podemos afirmar que os objetivos ora propostos foram todos alcançados e que as vítimas da forma de violência em questão são predominantemente compostas por adultos jovens, do sexo/gênero masculino, de cor/raça negra, cuja idade compõe as faixas etárias de 18 a

29 anos, solteiras, com baixa escolaridade, ocupados profissionalmente e especialmente com ocupações diversas, seguido dos trabalhadores da construção civil e trabalhadores da manutenção e reparação, moradores em sua maioria na área da ocorrência da violência, que quanto a renda média dos moradores é classificada como médio-baixa, e, também residentes em áreas que pelas condições de ocupação não são reconhecidas como bairros pelo poder público municipal. Melhor, a maioria das vítimas residia em áreas de periferia da cidade.

Quanto ao tempo da ocorrência da violência, tem-se que a maioria das vítimas foram mortas nos meses de janeiro, agosto, julho e novembro, com concentração de ocorrências durante o os finais de semanas, especialmente a partir dos dias de sextas-feiras, acumulando com os dias sábados e domingos, principalmente no período noturno, com destaque para as madrugadas.

Considerando os objetivos específicos, observa-se também que face ao perfil social das vítimas, como também das condições sociais em que as vítimas estavam inseridas, que há um grupo de pessoas que figuram como potenciais vítimas de homicídios, no caso da área de estudo. Quanto ao nível de renda das vítimas, a maioria das vítimas moravam em áreas classificadas com renda médio-baixa ou sem classificação de renda, além disso, eram ocupadas profissionalmente com funções que exigiam pouca instrução escolar e conseqüentemente recebiam baixa remuneração mensal. Também, como já descrito acima, tem-se que a violência registrada, caracteriza-se por apresentar concentração temporal, tanto no que refere aos meses do ano, dias da semana e faixa horário.

A hipótese levantada, é válida, pois de acordo com as variáveis analisadas, no caso, referente ao perfil social das vítimas, esta desenha um grupo de pessoas que pelas características físico-sociais, são adultos jovens, negras, do sexo ou gênero masculino, solteiras, ocupadas com funções de pouca expressão social e por consequência mal remuneradas, em face de baixa escolaridade e moradoras da periferia da cidade, figuram conseqüentemente como pessoas marginalizadas socialmente, logo se enquadrando-se nas condições que as expõem a violência homicídios.

Assim, sendo a violência homicídios é algo resultante da vida em sociedade, como também de suas causas relacionadas às questões políticas, sociais, econômicas e históricas, e para tanto, entende-se que o controle desse evento não se reduz à apenas como um problema de polícia, cuja solução está nas aquisições de viaturas e aberturas de concursos para novos policiais, ou construções unidades prisionais, como se podem observar nos eloquentes discursos dos gestores públicos, quanto a esta temática. Apesar da importância destes feitos, é imperativo o envolvimento da sociedade, e também dos demais entes públicos, e claro de mudanças de hábitos e comportamentos das pessoas, as reais vítimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 08, Ano 4, p. 84-135, jul-dez, 2002.

ADORNO, S. F. **A Violência na sociedade brasileira**: um painel inconcluso em uma democracia não consolidada. Sociedade e Estado, Brasília, 10, 2 jul-dez, 1995.

ADORNO, S. F. **A criminalidade urbana violenta no Brasil**: um recorte temático. BIB, Rio de Janeiro, 35, 1º Sem, 1993.

ANDRADE, M. V., et al. **Perfil ocupacional das vítimas e criminosos no município de Belo Horizonte: Um estudo exploratório**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2003. (Texto para discussão; 195). Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/5000526_Perfil_ocupacional_das_vitimas_e_criminosos_no_municipio_de_Belo_Horizonte_um_estudo_exploratorio > Acesso em: 19 fev. 2019.

BEATO FILHO, C. C. **Crime e Cidades**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

BRANT, V. C. **São Paulo**: trabalhar e viver. São Paulo, Brasiliense, 1989.

CALDEIRA, T. P. **Direitos humanos ou privilégios de bandidos?** Novos Estudos Cebrap, 30. São Paulo, 1991.

CARDOSO, F. L. M. G. “Mocinhos ou Bandidos?”: **representação de jovens vítimas de homicídios em jornais brasileiros**. 2016. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: < <file:///C:/Users/elcio/Downloads/cardosoflmgm.pdf> >. Acesso em: 19 fev. 2019.

CASTRO JÚNIOR, P. R. **Carta Geotécnica de Cuiabá**. Cuiabá: Fundação Universidade de Mato Grosso, Prefeitura de Cuiabá, 1990. (mimeo).

CERQUEIRA, D. R. de C. et al. **Atlas da Violência 2017**. Ipea e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <
http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf >. Acesso em: 09 fev. 2019.

CERQUEIRA, D. R. de C.; COELHO, D. **Democracia Racial e Homicídios de Jovens Negros na Cidade Partida**. TD 2267 - ipea, Brasília, 2017.

CERQUEIRA, D. R. C. e COELHO, D. S. C. **Redução da Idade de Imputabilidade Penal, Educação e Criminalidade**. Rio de Janeiro: Ipea, Nota Técnica nº 15. 2015. Disponível em: <
http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5170/2/Nota_15_Reduc%20idade.pdf >. Acesso em: 19 fev. 2019.

CERQUEIRA, D. R. de C. **Causas e consequências do crime no Brasil**. Rio de Janeiro: BNDES, 2014. Disponível em: <
https://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/em_presa/download/Concurso0212_33_premiobndes_Doutorado.pdf >. Acesso em: 09 fev. 2019.

CERQUEIRA, D. R. de C. MOURA, R. L. **Custo da juventude perdida no Brasil**. Ipea, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/presi/7_cerqueira_moura_pt.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2019.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. 3ª. ed., Brasília: MPE, SPPE, 2010. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/downloads.jsf>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

COY, M. Transformação socioambiental do espaço urbano e planejamento em Cuiabá-MT. In: **Cadernos do Neru**, Ambiente: uma abordagem socioeconômica. Cuiabá-MT: UFMT. n. 3, set. 1994, p. 131-174.

CUIABÁ, Prefeitura Municipal. **Perfil Socioeconômico dos Bairros de Cuiabá**. Ano 2007. Cuiabá: Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano, 2007.

DESINOV, V. **Violência social: Ideologia y política**. Moscú: Progreso, 1986.

ENGEL, C. L. et al., Diagnóstico dos homicídios no Brasil: **subsídios para o Pacto Nacional pela Redução dos Homicídios**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública, 2015. Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2015/10/RELATORIO-HOMICIDIOS-210x297mm-MJ-1.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ENGELS, F. Teoria da Violência. In: NETTO, J. P. (Orgs.). **Engels**. São Paulo: Editora Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 17, 1981.

FREIRE, J. de L. **Por Uma Poética Popular da Arquitetura**. Cuiabá: EDUFMT, 1997.

GAWRYSZEWSKI, V.P. et al. Informações sobre homicídios e sua integração com o setor de saúde em segurança pública. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n.4, p. 627-33, 2005.

KOCHE, J. C. Fundamentos de Metodologia Científica: **teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

KOWARICK, L.; ANT, C. Violência: reflexões sobre a banalidade do cotidiano em São Paulo. In: BOSCHI, R. **Violência e cidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

MAIA, P. B. Vinte anos de homicídios no Estado de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, vol. 13, n. 4, oct-dec. 1999.

MARTINS, E. da C. Núcleo Habitacional CPA IV: **Uma Reflexão da Habitação em Cuiabá-MT**. **Revista de Geografia**, Campo Grande-MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, n. 18, p. 32-38, jul-dez. 2003.

MINAYO, M. C. S. A. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, (suplement 1), Rio de Janeiro, v. 10, p. 07-18, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-11X1994000500002&script=sci_arttext> Acesso em: 09 jan. 2019.

ODÁLIA, N. **O que é violência**. Editora Brasiliense, 4ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

OLIVEIRA, C. D. de; MAGALHÃES, E. B. de. Análise dos homicídios registrados no município de Várzea Grande-MT, anos 2012 a 2014. **Revista Homens do Mato**. Polícia Militar do Estado de Mato Grosso-PMMT. Centro de Desenvolvimento e Pesquisa, vol. 16, n. 1, 2016. Disponível em:<http://revistacientifica.pm.mt.gov.br/ojs/index.php/semanal/article/view/316/365>. Acesso em: 24 fev.2019.

OLIVEIRA, L. **Imagens de democracia: os direitos humanos e o pensamento político de esquerda no Brasil**. Recife, Pindorama, 1995.

OSÓRIO, R. G. O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE. **Texto para Discussão n. 996**, Ipea. Brasília, nov. 2003. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0996.pdf. Acesso em: 16 fev. 2019.

PAIXÃO, A. L. Segurança privada, direitos humanos e democracia. **Novos Estudos Cebrap**, 31, São Paulo, 1991.

PASINATO, W. Oito anos de Lei Maria da Penha.: Entre avanços, obstáculos e desafios. **Rev. Estud. Fem.** [online]. Vol. 23, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v23n2/0104-026X-ref-23-02-00533.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

RAMOS, S.; PAIVA, A. Mídia e violência: o desafio brasileiro na cobertura sobre violência, criminalidade e segurança. **Cadernos Adenauer**, n. 4, v. IX, 2008, Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2009.

ROMANCINI, S. R. Reestruturação urbana e novos territórios em Cuiabá. In: _____. (Org.). **Novas territorialidades nas cidades mato-grossenses**. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

ROMANCINI, S. R. Cuiabá: **paisagens e espaços da memória**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

ROMANCINI, S. R. **Pedra 90: Meio Ambiente Urbano e Educação**. Cuiabá-MT: UFMT, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 1996.

SECRETI, T.; JACOBI, L. F.; ZANINI, R. R. Mortalidades por causas violentas: uma análise dos homicídios em Santa Maria-RS. **Ciência e Natura**, UFSM, 31 (2): 25-34, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/cienciaenatura/article/download/9898/5939>> Acesso em: 10 fev. 2019.

SOARES. G. A. D. Homicídios no Brasil: Vários factoides em busca de uma teoria. **Latin American Studies Association, Hyatt Regency Miami**, March 16-18, 2000. Disponível em:<<http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2000/Soares.PDF>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

SOUZA, E. R.; ASSIS, S. G.; SILVA, C. M. F. P. Violência no município do Rio de Janeiro: áreas de risco e tendências da mortalidade entre adolescentes de 10 a 19 anos. **Revista Panamericana**

de **Salud Pública**, v. 1, n. 5, 1997. Disponível em:<
<https://scielosp.org/pdf/rpsp/1997.v1n5/389-398/pt>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

TAVARES DOS SANTOS, et al. A palavra e o gesto emparedados: a violência na escola. In: Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (org.). **Violência não está com nada**. Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 1998.

VILARINHO NETO, C. S. **A metropolização regional, formação e consolidação do Estado de Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

VILARINHO NETO, C. S. Cuiabá, Uma Metrópole Regional. In: ROMANCINI, S. R. (org.). **Novas territorialidades urbanas em Cuiabá**. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2008.

ZALUAR, A.; LEAL, M. C. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online]. 2001, vol. 16, n. 45, PP. 145-160. Disponível em <www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n45/4335.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

ZALUAR, A. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro, Ed. da UERJ/Renan, 1994.

THE VICTIMS OF HOMICIDES REGISTERED IN THE HOUSING NUCLEI OF CPA I, II, III AND IV, IN THE YEARS 2015 TO 2017

ABSTRACT: The objective is to identify and characterize the victims and to identify the time of occurrence of the homicides registered in the CPA I, II, III and IV, in Cuiabá-MT, in the years 2015 to 2017. The data were extracted from Bulletins of Police Occurrences of the Military Police and Civil Police of the State of Mato Grosso, through the System of Records of Police Occurrences (SROP), of the Ministry of Public Security of the State of Mato Grosso-SESP-MT), and validated with the Reports of Necropsy of the Board of Directors of Metropolitan of Forensic Medicine (DMML), of the Technical Expertise of the State of Mato Grosso (POLITEC / MT), to be organized and tabulated. Of the 571 homicide victims registered in the city of Cuiabá, in the years 2015 to 2017, 21 (3.6%) were victims in the study area. The majority (90.4%) were of the gender / male gender; (85.7%) of color / black race (66.6%); young adults, aged 18-29 years; (80.9%) single; (85.7%) with incomplete elementary school to complete secondary education; (52,2%) were occupied with various functions, as well as maintenance, repair and construction workers; (57.1%) living in the area of death. Homicides occurred especially in the months of January and August, with (19.0%) each and July, with (14.2%); at weekends (47.6%) and at night (80.9%).

Keywords: People, Victims, Occurrence, Violence, Homicides.